

# BOLETIM DO PORTAL HISTÓRIA DA PSICOLOGIA 2

ORGANIZADORES

ANDRÉ ELIAS MORELLI RIBEIRO

GUNTHER MAFRA GUIMARÃES

MARCUS VINÍCIUS DO AMARAL GAMA SANTOS

YURI PEREIRA ANTUNES VIEIRA

ARTHUR ARRUDA LEAL FERREIRA

LUIZ EDUARDO PRADO DA FONSECA



Organização:

André Elias Morelli Ribeiro

Gunther Mafra Guimarães

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos

Yuri Pereira Antunes Vieira

Arthur Arruda Leal Ferreira

Luiz Eduardo Prado da Fonseca

# Boletim do Portal História da Psicologia 2

Editora do Portal História da Psicologia

Rio das Ostras/RJ

2023

Editora do Portal História da Psicologia

A editora do Portal História da Psicologia é parte integrante do  
Portal História da Psicologia

COORDENAÇÃO

André Elias Morelli Ribeiro

CONSELHO EDITORIAL

André Elias Morelli Ribeiro

Arthur Arruda Leal Ferreira

Luiz Eduardo Prado da Fonseca

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos

Yuri Pereira Antunes Vieira

Gunther Mafra Guimarães

© 2023

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora do Portal História da Psicologia

Equipe de realização

**Editor Responsável:** André Elias Morelli Ribeiro

**Revisão final:** Gunther Mafra Guimarães

**Capa:** André Elias Morelli Ribeiro, com imagens geradas pelo Microsoft Designer AI

**Projeto gráfico e diagramação:** André Elias Morelli Ribeiro

#### Ficha Catalográfica

B688      Boletim do Portal História da Psicologia 2 [recurso eletrônico] / Organização: André Elias Morelli Ribeiro... [et al.]. – Rio das Ostras, RJ : Editora do Portal História da Psicologia, 2023. 325p.

ISBN: 978-65-997325-2-2

DOI: 10.5281/zenodo.8392599

1. História da Psicologia. 2. História da Psiquiatria I. Ribeiro, André Elias Morelli.

CDD 150.9

Ficha catalográfica elaborada por Janaine de Sá - CRB-7/7270

# Sumário

Apresentação VI

## Verbetes

A História da Psicologia no Brasil e suas Relações com o Contexto Sociocultural 16  
Manuel Bomfim 80  
Antonio Gomes Penna 93  
Lacan 136

## Artigo original

Vida, Obras e Ideias de Wilhelm Maximilian Wundt 163

## Traduções

O Que é uma História Policêntrica da Psicologia? 191  
Rumo a uma História Policêntrica da Psicologia 214  
Presentismo e Diversidade na História da Psicologia 230

## Tradução de Clássico

Definição de idiotia e imbecilidade 258  
Comentários ao texto “Definição de idiotia e imbecilidade”, de Binet e Simon 280

## Relatos

XV Encontro Clio-Psyché e VI Congresso Brasileiro de História da Psicologia: memórias, reencontros e afetos... 294

Entre a solidão e os encontros nas pesquisas em História dos  
Saberes Psi 297

Lista de Autores 317

Contribuições para o Boletim do Portal História da Psicologia 322

# O Que é uma História Policêntrica da Psicologia?

*Adrian Brock*

*Tradução de Kamilly Gomes da Silva*

*Revisão da tradução de André Elias Morelli Ribeiro*

*Publicado originalmente em: Brock, A. (2014). What is a polycentric history of psychology? Estudos e Pesquisas em Psicologia, 14(2), 646-659.*

## **Resumo**

O conceito “história policêntrica da psicologia” foi originalmente utilizado por Kurt Danziger e, desde então, tem sido adotado por outros historiadores da psicologia. O artigo faz uma introdução a esta perspectiva. A tendência à internacionalização da psicologia implicou que a história da psicologia norte-americana pudesse ser complementada com outras histórias locais. A história policêntrica contrasta com esta abordagem, pois se preocupa com as inter-relações entre os centros, e não pelos centros considerados isoladamente. O artigo finaliza com alguns exemplos de história que têm sido escritos a partir de uma perspectiva policêntrica.

*Palavras-chave:* policêntrica, história, Danziger, internacionalização, Inter-relações.

## **Introdução**

A noção de uma história policêntrica da psicologia foi originalmente usada por Kurt Danziger em um editorial

encomendado que ele escreveu para uma edição especial da revista *História das Ciências Humanas* (Danziger, 1991). Foi posteriormente discutido mais detalhadamente em um artigo que ele apresentou no XXVI Congresso Internacional de Psicologia em Montreal, Canadá, em 1996, com o título, *Rumo a uma história policêntrica da psicologia* (Danziger, 1996). Embora esse artigo não tenha sido disponibilizado publicamente até 2010, foi discutido em um capítulo de livro que Irmingard Staeuble publicou em 2004 e grande parte dele foi incorporado em um capítulo de livro que Danziger publicou em 2006 (Danziger, 2006; Staeuble, 2004). É principalmente através deste último que o conceito se tornou bem conhecido.

Wade Pickren discutiu o conceito em um artigo publicado em 2009, e o livro didático que ele e Alexandra Rutherford publicaram em 2010 contribuiu significativamente para popularizar o termo (Pickren, 2009; Pickren e Rutherford, 2010) com um capítulo intitulado *Internacionalização e indigenização após a II Guerra Mundial* (p. 238). Os autores iniciam o capítulo com uma citação do texto do livro de Danziger de 2006, escrevendo: “Enquadramos o capítulo com o conceito de geografia intelectual de centro e periferia, que pegamos emprestado do historiador Kurt Danziger” (p. 238). Eles também escrevem: “nós oferecemos uma perspectiva histórica desses eventos com a intenção de contribuir para uma história policêntrica da psicologia” (p. 239).

Eu organizei um simpósio com o título *Rumo a uma história policêntrica da psicologia* para o XXX Congresso Internacional de Psicologia, na Cidade do Cabo em 2012, e este artigo tem as suas origens na introdução que escrevi para o simpósio (Brock et al., 2012). Um dos artigos do simpósio, *Ideias francesas no início da psicologia*

*na Argentina*, de Hugo Klappenbach, já foi publicado (Klappenbach, 2013). Klappenbach é o presidente eleito da Sociedade Interamericana de Psicologia. Em uma entrevista com ele, publicada no boletim informativo da Associação Internacional de Psicologia Aplicada, ele se refere duas vezes à noção de uma história policêntrica da psicologia (Klappenbach & Carpintero, 2013). Outros autores se referiram ao conceito em seus trabalhos (p.ex. Benjafield, 2012; Sensales & Dal Secco, 2014). Embora o conceito ainda não seja bem conhecido entre os historiadores da psicologia, ele foi claramente adotado por, pelo menos, alguns dos estudiosos neste campo.

Ao colocar a questão, "O que é uma história policêntrica da psicologia?", minha intenção não é substituir a própria perspectiva de Danziger sobre o conceito, que estão disponíveis gratuitamente no site dedicado ao seu trabalho ([www.kurtdanziger.com](http://www.kurtdanziger.com)). Trata-se, em parte, de tornar o conceito mais conhecido e, em parte, de chamar a atenção para um aspecto do programa de Danziger que corre o risco de ser esquecido. Antes de fazer isso, darei uma breve visão geral do conceito para aqueles que não estão familiarizados com ele. Aos leitores que queiram explorar mais o conceito, seria aconselhável consultar o próprio trabalho de Danziger sobre o assunto (Danziger, 1991; 1996; 2006).

## **Visão Geral do Conceito**

Ele começa colocando a questão de se pode haver algo como “a” história da psicologia; ou seja, uma única narrativa que abrange todo o campo. Esta é, certamente, a suposição que é feita

nos livros didáticos padronizados. A visão tradicional é que a psicologia teve origem no laboratório de Wilhelm Wundt na Universidade de Leipzig e foi depois transferida através dos estudantes americanos de Wundt para os Estados Unidos. Esta é a visão que foi promovida com sucesso por E. G. Boring em seu influente livro didático, *Uma História da Psicologia Experimental* (Boring, 1929; 1950). Danziger sugere que essa perspectiva só pode ser alcançada privilegiando certos desenvolvimentos locais. A Alemanha foi o centro da nova psicologia experimental no final do século 19, mas isso era, e continua a ser, apenas uma parte do assunto. Uma das ferramentas mais importantes do psicólogo moderno é o teste psicológico na forma de teste de inteligência, personalidade, aptidão etc. e isso tem suas origens na Inglaterra com o trabalho de Francis Galton, assim como muitas das estatísticas que os psicólogos usam atualmente. Houve também desenvolvimentos importantes na França, incluindo a transformação do hipnotismo em psicoterapia e a ascensão da psicologia das multidões, que muitos veem como a forma original da psicologia social. Por último, mas não menos importante, muitos dos ramos modernos da psicologia aplicada, incluindo a psicologia clínica, forense e do consumidor, foram pioneiros nos Estados Unidos. Assim, as perspectivas que centram a história inicial da psicologia na Alemanha nos fornecem uma visão seletiva das origens do campo.

Não é por acaso que Boring privilegiou estes desenvolvimentos. O seu livro foi intitulado, *História da Psicologia Experimental* e tem sido afirmado que foi uma tentativa de promover este campo à custa de outros ramos da disciplina (O'Donnell, 1979). Isso nos leva a outro aspecto da perspectiva de

Danziger: o privilégio de certos desenvolvimentos na psicologia não se aplica apenas à geografia da disciplina, mas também ao seu conteúdo conceitual. Assim como a Alemanha foi retratada como o centro geográfico da nova psicologia, a psicologia experimental foi retratada como o ramo central do campo. Só ela poderia produzir leis que foram consideradas de relevância universal. Coube aos psicólogos da psicologia aplicada usar suas descobertas a situações específicas. Como Danziger (1990) apontou em outro lugar, esse modelo de relação entre psicologia experimental e aplicada é igualmente equivocado. A psicologia aplicada tende a resolver seus problemas independentemente da psicologia experimental, e existem vários exemplos históricos de inovações na psicologia aplicada sendo adotadas pela psicologia experimental, como o uso do grupo de controle em estudos experimentais.

Danziger sugere que o modelo de centro e periferia, tanto em termos geográficos quanto em termos de conteúdo conceitual, surgiu em grande parte devido ao domínio da psicologia americana nos anos subsequentes à II Guerra Mundial, que gozou de um domínio que não existia antes, durante esses anos. Embora os Estados Unidos tenha sido o país mais importante para a psicologia no período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, eles não tinham o tipo de domínio que tiveram quando grande parte da Europa foi devastada devido à Segunda Guerra Mundial. Também é relevante o fato de que a psicologia ainda não havia sido exportada em larga escala para outras partes do mundo. O principal órgão internacional de psicologia, a União Internacional de Ciências Psicológicas, foi fundado em 1951 com 12 membros fundadores, 10 deles na Europa Ocidental, além dos Estados Unidos e do Japão.

Os Estados Unidos tornaram-se o centro incontestado do campo e sua psicologia reivindicou uma universalidade que nenhum outro país poderia reivindicar. Foi a partir dessa situação que o modelo de centro e periferia emergiu e teve um impacto na história da psicologia, na medida em que a história da psicologia americana passou a ser vista como a história da psicologia em geral, ao mesmo tempo que a história da psicologia em outros países só podiam reivindicar relevância local (Brock, 2006a).

Essa situação não durou e não poderia durar para sempre. A Europa viria a se reerguer e a psicologia lá se expandiu significativamente da década de 1960 adiante. O mesmo se aplica a outros países desenvolvidos, como o Canadá e a Austrália. A psicologia também começou a crescer em muitos países em desenvolvimento após a II Guerra Mundial, retornando assim à situação policêntrica que existia nos primeiros anos da disciplina. De fato, ela é ainda mais policêntrica agora do que era nos primeiros anos da disciplina, quando todos os principais centros da psicologia estavam na Europa e nos Estados Unidos. Este não é mais o caso. O argumento de Danziger é, portanto, que o modelo de centro e periferia está agora obsoleto e deveria ser abandonado em favor de uma abordagem policêntrica.

## **Internacionalização**

A diversidade geográfica da psicologia levou a uma ênfase crescente na internacionalização do campo. A Associação Americana de Psicologia estabeleceu uma Divisão para a Psicologia Internacional em 1997, o que foi seguido por uma onda de literatura

que tentou fornecer uma visão mais internacional do campo, como por exemplo O Manual de Psicologia Internacional (Stevens e Wedding, 2004) e Rumo a uma Psicologia Global (Stevens e Gielen, 2007). Houve também literatura sobre a internacionalização do ensino de psicologia (Leong et al., 2012). Esses desenvolvimentos inevitavelmente tiveram um impacto na história da psicologia e eu fiz uma contribuição para a literatura relevante com o livro editado, *Internationalizing the History of Psychology*, onde também apareceu o capítulo de Danziger defendendo uma história policêntrica da psicologia (Brock, 2006b; Danziger, 2006).

Essa situação resultou em uma proliferação de histórias locais. Agora é comum ver alguém do Brasil escrevendo sobre a história da psicologia no Brasil, alguém da Índia escrevendo sobre a história da psicologia na Índia, alguém do Japão escrevendo sobre a história da psicologia no Japão e assim por diante. Também não se deve esquecer que, apesar de algumas notáveis exceções, a maioria dos historiadores de psicologia americanos se preocupam exclusivamente com a história da disciplina nos Estados Unidos. Essa situação é compreensível. As pessoas podem sentir que conhecem melhor a situação em seu próprio país do que em qualquer outro lugar, e as questões envolvidas podem ser de maior relevância para seus interesses e preocupações. Elas também terão melhor acesso ao material de arquivo e estarão em melhor posição para entrevistar os atores envolvidos.

Essa tendência também tem sido encorajada por certas práticas editoriais. Por exemplo, *O Manual de Oxford da História da Psicologia* tem o subtítulo, *Perspectivas Globais* e está preocupado com a internacionalização do campo (Baker, 2012). O subtítulo é,

de certo modo, impróprio, pois consiste em 27 capítulos, cada um sobre a história da psicologia em um determinado país, que foi escrito por alguém daquele país. A única exceção a essa regra é um capítulo sobre o Caribe, que, em vez de um país, é uma região. Este foi um modelo que eu rejeitei explicitamente no *Internacionalizando a História da Psicologia*, apesar da pressão para que eu o adotasse. Eu escrevi na introdução:

Uma vez que os potenciais autores foram identificados, eles podiam escrever sobre qualquer tópico que quisessem, desde que fosse compatível com os objetivos do livro. Se fosse pedido aos autores que se conformassem com um modelo pré-existente, como ter um capítulo por país escrito por um autor daquele país, como um revisor anônimo do projeto queria que eu fizesse, muita criatividade teria sido perdida. Felizmente, a editora de psicologia da New York University Press, Jennifer Hammer, entendeu minhas objeções a essa sugestão, e a ela sou grato pelo apoio.

Foi, principalmente, a influência do trabalho de Danziger que me levou a rejeitar este modelo. Em seu trabalho, *Rumo a uma história policêntrica da psicologia*, ele escreveu:

Há uma grande diferença entre uma historiografia policêntrica da disciplina e a mera adição, em capítulos desconexos, de uma história local após outra. O que é necessário agora não é uma série de visões paroquiais, mas um foco nas variáveis inter-relações entre os centros que constituíram a história mundial da disciplina no período moderno (Danziger, 1996, p. 4).

Portanto, quando Sensales e Dal Secco (2014) escrevem, “No âmbito de uma perspectiva histórica 'policêntrica' que valoriza as histórias locais, o presente estudo...” (p. 36), eles estão usando o termo de forma diferente de como foi originalmente planejado. “Valorização das histórias locais” não é o que uma história policêntrica deveria ser. Ao fazer este ponto, não estou dizendo que as histórias locais são inúteis ou uma perda de tempo. Tendo contribuído com o capítulo sobre a Irlanda no *Manual de Oxford*, seria hipocrisia da minha parte dizer isso (Brock, 2012). Há histórias interessantes a serem contadas sobre os eventos em países que tradicionalmente foram negligenciados na história da psicologia. Entretanto, há também histórias interessantes a serem contadas sobre as inter-relações entre esses países.

## **Inter-relações**

Danziger (1996) dá alguns exemplos dos tipos de inter-relações que existiram na psicologia no passado:

Quando estudantes de muitos países viajaram a Leipzig e a outros centros alemães no final do século XIX e início do século XX e depois voltaram para casa com novas ideias, eles estabeleceram um padrão que viria a ser repetido ao longo da história moderna da disciplina, embora a direção da viagem tenha mudado. Naturalmente, a busca de estudos formais no exterior foi apenas uma via através da qual foram estabelecidos

laços internacionais. Livros foram traduzidos e comercializados, dinheiro foi investido em fundos de bolsas de estudo, instrumentos foram exportados e importados, inúmeras conferências foram realizadas, e assim por diante. A longo prazo, nenhuma tradição local poderia ser imune a isso, mas o resultado também não foi uma homogeneização completa do discurso psicológico. (p. 4).

Uma história policêntrica deve permitir tanto a possibilidade de influência internacional quanto a existência de diferenças locais:

Uma historiografia policêntrica deve tentar fazer justiça à complexidade de tais fenômenos. Para isso, deve trabalhar com categorias que busquem capturar as inter-relações entre os centros ao invés das características dos centros considerados isoladamente. A migração intelectual é talvez a mais óbvia dessas categorias, não apenas em referência a pessoas mas, mais significativamente, em referência a conceitos e práticas. O que aconteceu com os conceitos, teorias e procedimentos psicológicos quando foram feitas tentativas de transplantá-los? Por que alguns deles provaram ser viajantes muito melhores do que outros? Como as viagens os mudaram, às vezes além do reconhecimento? Quem os achou úteis e por quê? Há histórias de transferências bem-sucedidas a serem contadas aqui, mas também histórias de mal-entendidos, erros de tradução, incompreensão total e completa hostilidade que são muitas vezes mais esclarecedoras (p. 4-5).

Essa abordagem é "internacional" no verdadeiro sentido da palavra, sendo o prefixo "inter" relacionado à palavra "entre". Uma

abordagem genuinamente internacional deveria, portanto, centrar-se nas inter-relações entre países ao invés de países individuais considerados isoladamente. É por isso que rejeitei o modelo “um país por capítulo” ao editar o livro em que o influente texto de Danziger apareceu.

### **Exemplos de História Policêntrica**

Esse ponto não se perde em Pickren e Rutherford que, como o próprio Danziger, se concentram no tema da indigenização (Danziger, 2006; Pickren, 2009; Pickren e Rutherford, 2010). O movimento de indigenização surgiu quando a psicologia foi exportada da Europa e dos Estados Unidos para outras partes do mundo nos anos subsequentes à Segunda Guerra Mundial. Os psicólogos desses lugares começaram a reclamar que a psicologia que estava sendo importada para seus países era inadequada para suas necessidades e teria que ser modificada para se adequar à situação local. O movimento foi particularmente forte em países asiáticos como Índia, Filipinas e Taiwan (Kim e Berry, 1993; Kim, Hwang e Yang, 2006). A indigenização é um aspecto importante de qualquer abordagem policêntrica para a história da psicologia, uma vez que se preocupa com o que Danziger (1996) chama de "migração intelectual" (p. 4), isto é, a transferência de teorias e práticas psicológicas de um lugar para outro e as mudanças que ocorreram como resultado desta transferência.

O trabalho de Klappenbach sobre a influência da psicologia francesa na Argentina também preenche os requisitos de uma história policêntrica (Klappenbach, 2013). Pessoas de países latino-

americanos como Argentina e Brasil tendiam a ver a França como um outro país "latino", e entre esses países ser uma grande potência industrial e militar que fosse preeminente na ciência era incomum. Consequentemente, eles tendiam a ver a influência francesa de forma mais favorável do que a influência da Alemanha ou de países de língua inglesa, como o Reino Unido e os Estados Unidos. A França, por sua vez, estava muito interessada em espalhar a influência de sua língua e cultura em todo o mundo e, conseqüentemente, incentivou essa relação. O trabalho de Klappenbach mostra que é possível produzir um trabalho centrado no próprio país, mas ainda policêntrico em sua abordagem. O ponto crucial aqui é que [a obra] não considera a história da psicologia na Argentina isoladamente, mas em relação à psicologia em outros lugares.

Embora a quantidade de trabalho que foi conscientemente produzido como "história policêntrica da psicologia" ainda seja muito pequena, há muitos outros trabalhos que atendem aos critérios da história policêntrica sem serem rotulados como tal. Um exemplo é o trabalho de John Carson sobre a história dos testes de inteligência na França e nos Estados Unidos (Carson, 2007). A escolha desses dois países está longe de ser arbitrária. Naturalmente, foi Binet e Simon que produziram o primeiro teste de inteligência bem-sucedido e, posteriormente, o teste foi adotado em grande parte dos Estados Unidos. Uma das características mais curiosas desta situação é que os americanos estavam mais entusiasmados com os testes de inteligência do que os franceses. Havia uma ênfase muito maior nos chamados testes "objetivos" nos Estados Unidos do que na França, onde as pessoas estavam mais dispostas a confiar

no julgamento dos especialistas. Relacionado a essa diferença estava o fato de que a França tinha um sistema centralizado de educação, ao passo que o sistema americano era muito mais diversificado, [tendo em vista que] continha muitas escolas privadas, incluindo escolas que eram operadas por uma variedade de grupos religiosos. Os testes de inteligência forneceram um pilar de padronização que estava faltando no próprio sistema educacional. O cenário de tudo isso é uma característica comum das democracias liberais que têm um compromisso com a igualdade de oportunidades e um sistema de recompensas diferenciais. Isso leva ao problema de como essas recompensas diferenciais devem ser atribuídas. Em sua resenha do livro, Danziger (2008) aponta que uma comparação de dois contextos nacionais diferentes destaca a relação entre a psicologia e a ordem social muito mais claramente do que uma análise de um contexto nacional o faria. Ele também sugere que o livro pode servir como um exemplo desta abordagem.

A transferência de conhecimentos da Europa para os Estados Unidos foi uma característica do início da história da psicologia, mas essa transferência sofreu um declínio no início do século 20. Ela voltou a ocorrer em uma escala mais modesta na década de 1930, quando um grande número de refugiados chegou da Europa Central após a ascensão dos nazistas ao poder na Alemanha. Algumas das histórias envolvendo esses refugiados são tópicos apropriados para uma história policêntrica de psicologia. Uma figura que tem recebido muita atenção nos últimos anos é William Stern, em grande parte devido aos esforços de James Lamiell (p.ex. Lamiell, 2003; 2012). Lamiell aponta que o nome de Stern era inicialmente familiar para ele, como é para a maioria dos

psicólogos, como a pessoa que inventou o quociente de inteligência ou QI. Sua abordagem personalística da psicologia é menos conhecida. Quando Danziger (1996) escreveu as seguintes palavras, ele facilmente poderia ter a psicologia personalística de Stern em mente:

O que aconteceu com os conceitos, teorias e procedimentos psicológicos quando foram feitas tentativas de transplantá-los?... Há histórias de transferências bem-sucedidas a serem contadas aqui, mas também histórias de mal-entendidos, erros de tradução, incompreensão total e completa hostilidade que são muitas vezes mais esclarecedoras (p. 4-5).

As opiniões de Stern tiveram sua origem no *Methodenstreit* (disputa de métodos) que ocorreu na Alemanha na década de 1890. Isso se centrava na questão de se era mais apropriado para a psicologia e as outras disciplinas que se preocupam com as questões humanas usar o modelo das ciências naturais (*Naturwissenschaften*) ou das humanidades (*Geisteswissenschaften*). Stern defendia que, assim como os eventos históricos, as pessoas são únicas e, conseqüentemente, era inapropriado entendê-las por meio de leis gerais. Essas ideias se tornaram conhecidas pelos americanos em grande parte através do trabalho de Gordon Allport, que estudou com Stern na Alemanha e até alugou um quarto em sua casa. As opiniões de Allport foram menos radicais do que as de Stern. Enquanto Stern queria que a psicologia como um todo adotasse uma abordagem personalística, Allport se contentou em promover uma “psicologia de pessoas” que focalizasse na singularidade individual como uma forma de complementar a abordagem nomotética ou baseada na lei. Até isso provou ser controverso e

Allport foi criticado por ser “anticiência”. Eventualmente, ele percebeu que estava travando uma batalha perdida e jogou a toalha. Com pouquíssimas exceções, dentre as quais está Lamiell, a abordagem personalística foi abandonada pelos psicólogos americanos, situação que prossegue até os dias atuais.

Como mencionado anteriormente, nos anos subsequentes à Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos gozou de um período de domínio incomparável na psicologia e se tornou, mais que um importador, um exportador de psicologia. Foi essa situação que levou ao surgimento do movimento de indigenização. Tendo em vista que esse movimento está associado principalmente aos países em desenvolvimento da Ásia, África e América Latina, uma de suas primeiras manifestações tem uma origem surpreendente: a psicologia social europeia. Nas décadas de 1960 e 70, psicólogos sociais europeus como Serge Moscovici e Henri Tajfel começaram a argumentar que a psicologia social que estava sendo importada dos Estados Unidos para seus países era inadequada para suas necessidades. Em um argumento que agora se tornou familiar, eles sugeriram que a psicologia social americana não era apenas “americana” no sentido de que ela era produzida nos Estados Unidos; ela refletia a cultura e os valores americanos. Entre outras coisas, ela era excessivamente individualista, empírica em vez de teórica, e tendia a se afastar de temas socialmente significativos como desemprego e racismo. Eles precisavam desenvolver a própria abordagem e seus esforços levaram a importantes desenvolvimentos institucionais, como a criação do *Jornal Europeu de Psicologia Social*, um manual europeu e um livro didático que adotou uma abordagem europeia (Moscovici e Marková, 2006). Se eles tiveram

ou não sucesso em estabelecer uma abordagem verdadeiramente indígena tem sido um tema de controvérsia nos últimos anos, mas examinar esse episódio envolve uma abordagem policêntrica, independentemente da posição que assumamos sobre esta questão, uma vez que se trata da relação entre dois grandes centros de psicologia social (Hewstone et al., 2012; Markova, 2012; Schruijer, 2012).

A maioria dos historiadores da psicologia vivem e trabalham na Europa e na América do Norte e, por isso, não deve surpreender que a maioria do trabalho existente tenha se concentrado nestes dois continentes. Há, no entanto, algumas exceções à regra. Uma delas é o trabalho de Christiane Hartnack sobre psicanálise na Índia colonial (p.ex. Hartnack, 1987; 2001). Expatriados britânicos como Owen Berkeley-Hill recorreram à psicanálise para legitimar o domínio colonial britânico. Em um ensaio que ele publicou no *International Journal of Psychoanalysis* em 1921, ele atribuiu características negativas aos hindus e características muito mais positivas a seus compatriotas ingleses. Berkeley-Hill também concluiu que os hindus não têm uma disposição psicológica para a liderança e, portanto, precisam ser governados. Opiniões similares foram expressas por outro expatriado britânico, Claud Dangar Daly. Em um ensaio que ele publicou na *Imago* em 1927, ele comparou os traços de caráter dos hindus com os dos europeus neuróticos. Outra estratégia para justificar o domínio colonial britânico foi comparar os hindus às crianças, e isso foi feito tanto por Berkeley-Hill quanto por Daly. Em um ensaio que Daly publicou no *International Journal of Psychoanalysis* em 1930, ele escreveu que “o povo hindu teria que fazer um esforço para superar suas tendências

infantis e femininas... O papel do governo britânico deve ser o de pais sábios” (Hartnack 2001; p. 67). Enquanto isso, psicanalistas indianos como Girindrasekhar Bose, um médico hindu de Bengali que fundou a Sociedade Psicanalítica Indiana em 1921, tiveram contato com os líderes do movimento de independência e seus escritos continham uma postura anticolonialista. Bose também rompeu com as doutrinas ortodoxas freudianas quando ele as considerou culturalmente inadequadas. Diferentemente de Freud, seus pacientes eram predominantemente masculinos e, ao contrário da doutrina da inveja do pênis, ele notou um desejo de se tornar feminino entre muitos deles. Ele também sugeriu que, nas famílias indianas, o pai tinha mais inveja do filho por causa da atenção que [o filho] recebia da mãe, e não o contrário, como a teoria do Complexo de Édipo predizia. O trabalho de Hartnack é um estudo exemplar da migração intelectual na história da psicologia. Ele mostra como alguns aspectos da psicanálise apresentaram falha na transferência de Viena para a Índia e os que conseguiram mudaram significativamente como resultado da migração.

Estes exemplos não pretendem ser exaustivos. Muitos outros exemplos poderiam ter sido dados. Eles mostram que já existe uma grande quantidade de literatura que é escrita de uma perspectiva policêntrica, mesmo quando não é descrita conscientemente como tal. Eles também são indicativos da diversidade de tópicos que podem ser examinados usando uma perspectiva policêntrica.

## Conclusão

A prática de confundir a história da psicologia nos Estados Unidos com a história da psicologia em geral está, gradualmente, dando lugar a um quadro mais diversificado das origens internacionais do campo. Entretanto, dentro deste quadro há uma tendência infeliz de substituir uma história local por várias histórias locais. Isso resulta em uma visão imprecisa da história da psicologia. Psicólogos em diferentes países têm estado em contato uns com os outros desde os primórdios da disciplina e muitas de suas mais importantes características surgiram como resultado desse contato. Considerar países individuais isoladamente significa que tópicos importantes são deixados de fora. Uma história da psicologia que é adequada ao assunto em questão não pode ignorar tópicos como relações de poder e vieses e barreiras culturais.

## Referências

Baker, D. B. (2012). *The Oxford handbook of the history of psychology: Global Perspectives*. Oxford: Oxford University Press.

Benjafield, J. G. (2012). The long past and short history of the vocabulary of Anglophone psychology. *History of Psychology*, 15, 50-71. DOI 10.1037/a0030532

Boring, E. G. (1929). *A history of experimental psychology*. New York: Appleton-Century.

Boring, E. G. (1950). *A history of experimental psychology*. (2nd ed.) New York: Appleton-Century-Crofts.

Brock, A. C. (2006a). Introduction. In A. C. Brock (Ed.), *Internationalizing the history of psychology* (pp. 1-15). New York: New York University Press.

Brock, A. C. (2006). *Internationalizing the history of psychology*. New York: New York University Press.

Brock, A. C. (2012). Ireland. In D. B. Baker (Ed.), *Oxford handbook of the history of psychology* (pp. 289-306). New York: Oxford University Press.

Brock, A. C., Igarashi, Y., Jaco-Vilela, A. & Klappenbach, H. (2012). *Towards a polycentric history of psychology*. Symposium conducted at the XXX International Congress of Psychology in Cape Town, South Africa. Abstracts published in *History of Psychology, International Journal of Psychology*, 47:sup1, 459-466, DOI 10.1080/00207594.2012.709109

Carson, J. (2007). *The measure of merit: Talents, intelligence, and inequality in the French and American republics, 1750-1940*. Princeton, N.J.: Princeton University Press.

Danziger, K. (1990). The autonomy of applied psychology. Paper presented at the XXII Congress of the International Association

of Applied Psychology in Kyoto, Japan. Available at  
<http://www.kurtdanziger.com/Paper%202.pdf>

Danziger, K. (1991). Introduction. *History of the Human Sciences*, 4, 327-333. DOI 10.1177/095269519100400301. Available at  
<http://www.kurtdanziger.com/editor%20introduction.pdf>

Danziger, K. (1996). Towards a polycentric history of psychology. Paper presented at the 26<sup>th</sup> International Congress of Psychology in Montréal, Canada. Available at  
<http://www.kurtdanziger.com/Paper%209.pdf>

Danziger, K. (2006). Universalism and indigenization in the history of modern psychology. In A. C. Brock (ed.), *Internationalizing the history of psychology* (pp. 208-225). New York: New York University Press. Available at <http://www.kurtdanziger.com/Brock2.pdf>

Danziger, K. (2008). Review of *The Measure of Merit* by John Carson. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 44, 180–18. DOI 10.1002/jhbs.20258

Hartnack, C. (1987). British psychoanalysts in colonial India. In M. G. Ash & W. R. Woodward (Eds.), *Psychology in twentieth-century thought and society* (pp. 233–253). Cambridge: Cambridge University Press.

Hartnack, C. (2001). *Psychoanalysis in colonial India*. New Delhi: Oxford University Press.

Hewstone, M., Liebkind, K., Lewicka, M., Laszlo, J., Voci, A., Contarello, A., & Petkova, K. (2012) An evaluation of the impact of the European Association of Social Psychology: A response to Schruijer (2012). *History of the Human Sciences*, 25, 117 - 126. DOI 10.1177/0952695111434464

Kim, U., & Berry, J. W. (1993). *Indigenous psychologies: Experience and research in cultural context*. Newbury Park, California: Sage.

Kim, U., Yang, K.-S., & Hwang, K.-K. (2006). *Indigenous and cultural psychology: Understanding people in context*. New York: Springer.

Klappenbach, H. (2013). French ideas in the beginnings of psychology in Argentina. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13, 1204-1219. Available at <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8613/6582>

Klappenbach, H. & Carpintero, H. (2013). An interview with Dr. Hugo Klappenbach (Interviewed by Prof. Helio Carpintero). *IAAP Bulletin*, 25, 51-55. Available at <http://www.iaapsy.org/uploads/newsletters/october2013iaapbulletin.pdf>

Lamiell, J. T. (2003). *Beyond individual and group differences: Human individuality, scientific psychology, and William Stern's critical personalism*. Thousand Oaks, California: Sage Publications.

Lamiell, J. T. (2012). Introducing William Stern (1871-1938). *History of Psychology, 15*, 379-384. DOI 10.1037/a0027439

Leong, F. T. L., Pickren, W., Leach, M. M. & Marsella, A. J. (Eds.) (2012). *Internationalizing the psychology curriculum in the United States*. New York: Springer.

Marková, I. (2012). 'Americanization' of European Social Psychology *History of the Human Sciences, 25*, 108-116, DOI 10.1177/0952695111435066

Moscovici, S., & Marková, I. (2006). *The making of modern social psychology: The hidden story of how an international social science was created*. Cambridge: Polity Press.

O'Donnell, J. M. (1979). 'The crisis of experimentalism in the 1920's: E. G. Boring and his uses of history. *American Psychologist, 34*, 289-295. DOI 10.1037/0003066X.34.4.289

Pickren, W. E. (2009). Indigenization and the history of psychology. *Psychological Studies, 54*, 87-95. DOI 10.1007/s12646-0090012-7

Pickren W. E., & Rutherford, A. (2010). *A history of modern psychology in context*. Hoboken, New Jersey: Wiley.

Schruijer, S. G. L. (2012). Whatever happened to the 'European' in European social psychology? A study of the ambitions in founding the European Association of Experimental Social Psychology. *History of the Human Sciences*, 25, 88-107. DOI 10.1177/0952695111427365

Sensales, G., & Dal Secco, A. (2014). The rise of a science in the early twentieth century: The forgotten voice of Gualtiero Sarfatti and the first "social psychology" volumes in Italy. *History of Psychology*, 17, 36-49. DOI 10.1037/a0035336.

Staeuble, I. (2004). De-centering Western perspectives: Psychology and the disciplinary order in the First and Third World. In A. C. Brock, J. Louw, & W. van Hoorn (Eds.), *Rediscovering the history of psychology: Essays inspired by the work of Kurt Danziger* (pp. 183–205). New York: Kluwer.

Stevens, M. J., & Gielen, U. P. (2007). *Toward a global psychology: Theory, research, intervention and pedagogy*. Hove: Psychology Press.

Stevens, M. J., & Wedding, D. (2004). *Handbook of international psychology*. New York: Brunner-Routledge.

# Lista de Autores

## Pesquisadores

Adrian Brock

PhD em psicologia pela York University em Toronto, Canada e atualmente aposentado, foi docente na Oglethorpe University in Atlanta, University College Dublin, Irlanda, e Universidade de Cape Town, África do Sul. Autor de inúmeros livros, artigos, análises, entre outros, tem uma vasta e importante obra para a história da psicologia.

André Elias Morelli Ribeiro

Docente no Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e do programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ). É doutor em psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e coordenador do projeto Portal História da Psicologia, além de ser o editor da Editora do Portal História da Psicologia.

Carolina Silva Bandeira de Melo

Docente na Universidade Federal de Viçosa, é doutora pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), em cotutela com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Daniele Corrêa Ribeiro

Coordenadora do Centro de Documentação e Memória do Instituto Municipal Nise da Silveira, é historiadora e História das Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz.

Kurt Danziger

É considerado um dos maiores historiadores da psicologia, com uma vasta obra reconhecida internacionalmente e tida como central para o desenvolvimento do campo da história da psicologia. Atualmente está aposentado.

Maira Allucham Goulart Naves Trevisan Vasconcellos

Docente na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (UNIFAE), é doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Além de sua produção acadêmica, participa de várias Sociedades e Associações científicas no campo da história da psicologia.

Regina Helena de Freitas Campos

Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais, atua e atuou em vários programas de pós-graduação. Fundadora da Sociedade Brasileira de História da Psicologia, presidente do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. Em 2018, recebeu prêmio do Conselho Federal de Psicologia por sua contribuição à construção da profissão de psicóloga no Brasil. Em 2020, foi contemplada com o *Career Achievement Award* concedido pela Society for the History of Psychology, Division 26 da American

Psychological Association, por sua contribuição à pesquisa em história da psicologia. Já publicou 72 artigos científicos, 65 capítulos de livro, e escreveu ou organizou 27 livros. Orientou até o presente 26 teses de doutorado e 23 dissertações de mestrado. É membro do Conselho Editorial dos periódicos *History of Psychology*, *Psicologia e Sociedade*, *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *Memorandum*, entre outros.

Wilma Fernandes Mascarenhas

Faz mestrado em história das ciências no programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ), atua no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, no Rio de Janeiro.

### **Discentes e Outros Colaboradores**

Alessandra Costa de Souza

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Anna Clara Domingues Cabral de Andrade

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Artur Medeiros Leite

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Clara Lyra Santos

Discente de psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo

Gabriel Siqueira Alves

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Gunther Mafra Guimarães

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Isadora Melquiades Santos Costa

Discente de psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Jessica de França Santana

Discente de psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Júlia Fernandes da Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Júlia Tavares Chahestian

Discente de psicologia na Universidade Federal de São Carlos

Kamilly Gomes da Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Maria Clara Ribeiro Colli

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em  
Rio das Ostras